



NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS, MUITOS COLOMBIANOS CHEGARAM À CIDADE PARA ESTUDAR NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

# TERRA estrangeira

FRANCESES, CUBANOS, COLOMBIANOS. ALÉM DE RECEBER BRASILEIROS DE TODOS OS CANTOS DO PAÍS, BRASÍLIA ACOLHE GENTE DE TODO O MUNDO

NAHIMA MACIEL

A tecnologia facilitou os encontros e as esqui-  
nas de Brasília estão hoje muito bem repre-  
sentadas pelas redes sociais. É graças a elas  
— e, claro, à convivência física na mesma ci-  
dade — que grupos de estrangeiros expatriados con-  
seguem se reunir e construir uma vida social próxima  
aos conterrâneos com interesses comuns. A capital  
do Brasil tem uma comunidade estrangeira robusta  
graças à presença das embaixadas, mas há uma sur-  
preendente quantidade de pessoas que nada têm a  
ver com o mundo diplomático e que são donos de  
uma Brasília própria. No WhatsApp, o grupo Magios  
reúne 26 colombianos, a maioria da cidade de Po-  
payán, que se juntam para jogar futebol semanal-  
mente. No “Cubanos”, também no WhatsApp, eles  
são 30, todos estudantes de mestrado ou doutorado  
na Universidade de Brasília (UnB). Vários caminhos  
trouxeram-nos à capital, mas todos eles têm em co-  
mum um esforço pessoal para estar na cidade.



Os Slip vieram da França e chegaram a Brasília por causa da suas esposas brasileiras. Eles traba-  
lham no comércio de alimentos, na produção au-  
diovisual, em carreiras de magistério e até na venda  
de seguros. Escolheram Brasília e conseguem se  
imaginar na cidade pelos próximos 20 anos, pelo  
menos. “O que nos une é que escolhemos estar  
aqui”, avisa Clément Wetzel, proprietário da crepe-  
ria In the garden. “Somos todos uma galera, fizemos  
um esforço para conseguir nossos documentos, fi-  
zemos um esforço para estar aqui e para ficar.”

No WhatsApp, os Slip somam 17 pessoas. Os bel-  
gas são tolerados e alguns brasileiros são bem-vin-  
dos, mas a conversa é sempre em francês. Eles se  
reúnem, em média, uma vez por mês para jogar  
pingue-pongue. “Mas é só um pretexto”, avisa  
Erwan Massiot, produtor audiovisual que fundou o  
grupo há quatro anos, ao lado de Clément e Emma-  
nuel Perez. “Antes, nos comunicávamos por e-mail  
e demorava para todos responderem. Às vezes, não  
respondiam. Com o WhatsApp, formamos uma co-  
munidade, há conexões que se formam, é mais di-  
nâmico”, garante Massiot. A qualidade de vida na ci-  
dade é uma das justificativas para os franceses do  
Slip permanecerem na cidade. “Se estivéssemos em  
Paris, estaríamos com frio, na chuva, presos em  
congestionamentos”, diz Wetzel. “Brasília é uma ci-  
dade cheia de contradições, como o Brasil, mas en-  
tendi que aqui tem qualidade de vida.”

Assen Lapeyre, também francês, formou-se em  
mecatrônica na UnB, criou uma empresa na cidade  
e, hoje, é securitário. Se tivesse conhecido o Rio de  
Janeiro antes da capital federal, talvez tivesse gosa-  
do mais da joia fluminense. “Mas sou apaixonado  
por Brasília. Sabe a madeleine do Proust? É Brasília  
pra mim”, confessa, lembrando de como o autor  
francês valorizava os bolinhos de sua infância, in-  
comparáveis a quaisquer outros da idade adulta.

## ALEGRIA

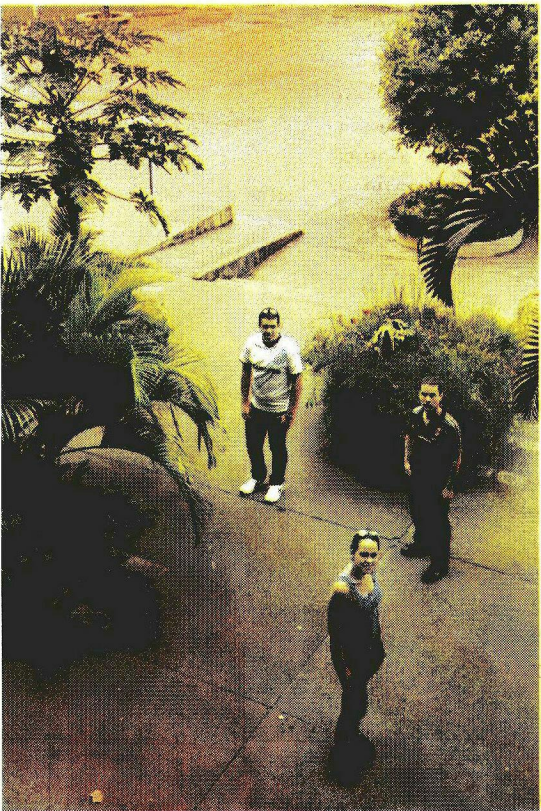
Os colombianos gostam de festa. No Facebook,  
eles criaram o grupo “Festa colombiana em Brasília”  
para avisar a todos dos dois ou três eventos anuais  
que costumam promover. Boa parte deles chegou há  
um ou dois anos e participa de programas de mes-  
trado e doutorado na UnB. “Não somos festeiros, so-  
mos alegres”, avisa Christian Gonzalez, 30 anos,  
mestrando em agronomia que escolheu o Brasil por  
acreditar no potencial tecnológico do país.

Alejandro Rojas, Edison Artiaja, Herlys Torres,  
Jairo Cacedo, Jorge Cruz, Sérgio Zuñegar e Isabel Ar-  
teaga têm entre 25 e 33 anos e dividem quitenetes  
com outros conterrâneos nas quadras 403, 407 e 408  
Norte. Uma verdadeira república colombiana se es-  
palha por ali. Eles gostam da capital, mas reclamam  
da dificuldade de transporte público. Por isso,  
quando saem à noite, escolhem bares próximos às  
quadras nas quais moram. Vez ou outra, se aventu-  
ram, a pé, pela Asa Sul.

A cidade de Lucio Costa e Oscar Niemeyer é de  
grandes distâncias, mas os meninos enfrentam e, so-  
bretudo, reparam muito. Alejandro, doutorando em  
engenharia civil, se espanta com os detalhes estrutu-  
rais dos prédios da cidade. “Os pilares são finos, o  
Brasil não tem problemas de cismos”, aponta. Na  
Colômbia, os terremotos frequentes obrigam os en-  
genheiros a conceberem estruturas mais robustas.

Isabel já namorou um brasileiro e acha os ho-  
mens de Brasília um pouco possessivos, mas adora  
a cidade. “É muito boa para estudar, é tranquila”,  
diz. E o fato de ter muitos colegas da mesma origem  
ajuda a matar a saudade de casa. O Restaurante  
Universitário da UnB é o ponto de encontro dessa  
turma e também dos cubanos. Elier Paron, Noel  
Suárez e Yarisley Pena vieram de Havana para fazer  
pós-graduação em engenharia civil e elétrica, res-  
pectivamente. “Quase todo mundo vem recomen-  
dado por alguém”, diz Yarisley.

Ela conta que a vida mudou um pouco em Cuba  
nos últimos 10 anos, mas que o fim das sanções dos  
EUA e a possibilidade de viajar entre os dois países  
ainda têm pouco impacto na população. Escolheu o  
Brasil por duas razões: a facilidade em obter o visto e  
a atualidade dos temas pesquisados na UnB.



ESTUDANTES VINDOS DE CUBA TAMBÉM ESCOLHERAM A UnB : TEMAS ATUAIS E SEMELHANÇAS CULTURAIS

## FICHA TÉCNICA

O QUE É  
Estrangeiros se reúnem em grupos  
de Facebook e Whatsapp para  
formar comunidades  
ONDE  
Na internet  
QUANTO  
Cada comunidade tem um número  
variado de participantes  
QUEM VAI  
Colombianos, cubanos, franceses,  
argentinos, chilenos....  
HÁ QUANTO TEMPO  
Nos últimos cinco anos